

TRAVESSIAS, TRAÇOS E ESCRITAS EM *A VORAGEM*, DE JOSÉ EUSTASIO RIVERA

Marinete Adriano de Melo (SEE-Acre)¹
Luciana Nascimento (UFRJ)²

Resumo: Neste trabalho, pretende-se revisitar as imagens sobre a Amazônia colombiana, tendo como objeto de estudo as múltiplas travessias no interior da floresta, empreendidas pelos personagens do romance do escritor colombiano José Eustasio Rivera – *A Voragem*. Nesse sentido, a nossa leitura do romance *A Voragem* (1924), do escritor José Eustasio Rivera, tem como horizonte as relações entre literatura e paisagem, tomando como referenciais os estudos da Geografia cultural de Cosgrove (1998) e aqueles que relativos aos entrelaçamentos entre a paisagem e a literatura, propostos por Michel Collot (2012).

Palavras-chave: Literatura e paisagem; Amazônia Colombiana; Romance.

Introdução

Muito se tem debatido sobre a imagem ambivalente da Amazônia nas diversas representações literárias, que vêm ao longo do tempo se alternando entre o paraíso terrestre e o inferno verde. Tais imagens foram imortalizadas pelos textos de viajantes e também pelos textos literários e variadas épocas. Nesse sentido, pretende-se, neste trabalho, fazer uma leitura do romance *A Voragem* (1924), do escritor José Eustasio Rivera, tendo como horizonte as relações entre literatura e paisagem, tomando como referenciais os estudos da Geografia cultural de Cosgrove (1998) e de Michel Collot, sobre as relações literatura e paisagem, de Collot (2012).

O escritor colombiano José Eustasio Rivera (1888-1928) foi político, advogado e, ao longo da sua trajetória, publicou dois livros: o primeiro em 1921, um livro de poemas, e, em 1924, a narrativa *La Vorágine*. Ao longo de alguns decênios, *A Voragem* afigurou-se como a primícia da literatura colombiana e, muitas vezes, considerada lado a lado com grandes nomes como Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa ou Carlos Fuentes, a geração do *boom* da literatura latino-americana.

Na obra, o autor lança mão de uma trama amorosa entre Arturo Cova e Alícia, o que, num primeiro olhar, pode sugerir um vestígio do idealismo romântico, mas, no entanto, constitui apenas pano fundo de uma ação principal: as condições de trabalho e as relações sociais dos seringueiros em meio às matas colombianas, fazendo um estudo da natureza e do homem. É a travessia dos personagens que partem da cidade de Bogotá

¹ Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre. SEE/Acre.

² Docente da Faculdade de Letras da UFRJ. Docente permanente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ. Bolsista de produtividade em pesquisa – CNPq.

rumo à floresta amazônica o que mais nos interessa para a nossa leitura acerca da paisagem na narrativa.

Traçados na Amazônia colombiana

Os deslocamentos e as viagens sempre foram uma constante na vida do homem, e a obra épica *Odisseia*, de Homero, constitui um dos textos mais antigos sobre a viagem. *Odisseia* trata do regresso de Ulisses, após a Guerra de Troia, num trajeto que gasta quase uma década. O clássico texto tornou-se uma referência para a literatura ocidental, cujas origens remontam à cultura oral. As diversas travessias na literatura ao longo da história literária vem sendo tratadas tanto no seu aspecto simbólico, como também no relato da viagem realizada, conforme nos afirma Chevalier:

[...]. A viagem exprime um desejo profundo de mudança interior, uma necessidade de experiências novas, mais que um deslocamento físico [...], muitas vezes simboliza uma aventura e uma procura quer se trate de um tesouro ou de um simples conhecimento concreto e espiritual. (CHEVALIER, 1995, p. 952)

A travessia também pode ser encontrada em histórias míticas e exemplares, como no texto bíblico, mais especificamente no episódio do grande dilúvio com o relato de Noé e sua arca, narrativa essa que remete a um mito de recomeço. A travessia de Noé aponta para a construção de uma nova civilização.

A linguagem constrói e descreve a realidade e é capaz de construir uma poética de viagem por intermédio da palavra, cujo traçado constitui para o homem uma espécie de matriz a ocupar o lugar. (SEIXO, 1998, p. 161). É na travessia pela floresta, que os personagens de *A Voragem*, de José Eustasio Rivera, experimentam um saber acerca do espaço e também de si mesmos, conforme nos afirma Maria José Queiroz:

Uma confissão abre *La Voragine*: —Antes que me apaixonasse por qualquer mulher, joguei o meu coração ao acaso e ganhou-o a violência. Ante o desafio do destino, o autor oferece ao protagonista, *nel mezzo Del cammim*, a evasiva da violência da selva. Sob o signo do jogo - azar, sina - cumpre-se o trânsito de Arturo Cova e Alicia, a sua amante. A trama obedece como nos livros de viagens, às solicitações da emergência. À travessia, cada passo supõe perda de direitos, submissão, alienação a floresta e aos seus demiurgos. O - racional - título que se confere ao branco civilizado - despojado da condição humana, ferido e diminuído, recupera, sem quase dar por isso, modos, necessidades e carências animais. Cova, como as demais personagens, desvincula-se

das virtudes urbanas e adota o comportamento selvático. (QUEIROZ, 1981, p. 46)

Em *La Vorágine*, o autor retrata a floresta amazônica a partir da figura turbilhão, da voragem e do redemoinho, que a tudo arrasta e destrói. O narrador-protagonista da narrativa é Arturo Cova, que relata seus trajetos pela floresta amazônica, cuja luta sua e de seus companheiros é travada com o meio ambiente, com a barbárie e com a exploração e injustiça com que são tratados os caucheiros. A obra se encontra dividida em três partes, sendo que há um prólogo de José Eustasio Rivera que precede o primeiro bloco. Consta ainda uma carta do narrador Arturo Cova e, ao fechar a narrativa, o autor insere um relato acerca da situação dos caucheiros.

Todos esses documentos e apêndices produzem uma verossimilhança que coloca em confronto os limites entre os discursos histórico e ficcional, a autobiografia e a narrativa documental na narrativa de Rivera. O autor divide a obra em dois planos: um histórico, representado pelos lhanos, a selva e alguns personagens a quem Rivera conheceu em suas viagens a trabalho, e outro, ficcional, representado pelas selvas, o que indicia a temática da paisagem. Conforme Michel Collot, “a paisagem é o lugar de uma troca em duplo sentido entre o eu que se objetiva e o mundo que se interioriza” (2013, p. 89), o que nos remete ao encontro do interior com o exterior, tendo em vista ser a paisagem resultado do encontro entre a cultura, a natureza, o ver e o ser visto.

No primeiro capítulo de *A Voragem*, o narrador discorre sobre o envolvimento amoroso de Arturo Cova com Alícia, o medo de ter sua liberdade podada pela presença do amor, que tentava não nutrir pela mulher. Além de seus medos e anseios mais íntimos, o personagem vai descortinando, através de uma descrição detalhada, a selva colombiana, os Lhanos, seus mistérios e austeridade. Arturo representa o estrangeiro (não nativo), aquele que lança um olhar marcado por estereótipos que o levam a enxergar a região como um espaço inóspito e sombrio:

Casanare não me espantava com suas lendas de arrepiar os cabelos. O instinto de aventura impelia-me a desafiá-las, certo de que sairia ileso dos pampas libérrimos e de que, alguma vez, em cidades desconhecidas, sentiria saudades dos perigos passados. Mas Alícia me incomodava como um grilhão. Se pelo menos fosse mais arriscada, menos acanhada, mais ágil! A pobre saiu de Bogotá em circunstâncias aflitivas: não sabia andar a cavalo, os raios de sol congestionavam-na e, quando em trechos preferia andar a pé, eu devia imitá-la pacientemente, arrastando os cavalos pelo cabresto. (RIVERA, 1982, p. 10)

O mundo no interior da floresta estava pautado na exploração e na imposição do mais forte, e todos os fatos chegam ao leitor por meio da memória e do diário. A paisagem da travessia dos personagens é de Bogotá para os Llanos, espaço da selva. Sendo assim, o primeiro espaço é o urbano, *locus* da modernidade, do conhecimento e da civilização – ponto de partida e origem de Arturo Cova e Alícia. O segundo espaço, que é o dos Llanos de Casanare ou Llanos orientais constitui a região que predomina na narrativa, em especial, na segunda parte. Nessa paisagem hostil, ocorrem os desentendimentos de Arturo Cova com Alicia, as desilusões de Cova, o sequestro dela por Barrera, as primeiras informações sobre a exploração do trabalho nos seringais.

No deslocamento da urbe para a selva, José Eustasio Rivera demarca, além da paisagem, a linguagem utilizada pelos personagens conforme o espaço. A narrativa apresenta inúmeras passagens exclamativas e hiperbólicas, o que sugere o ritmo intenso e enfático das peripécias e dificuldades pelas quais passa o protagonista.

Como grande personagem-antagonista, em *A Voragem*, está a selva imponente e austera, que pode ser considerada a principal antagonista de Arturo, tendo em vista que o espaço ganha contornos naturalistas, pois é ele quem conduz e define os destinos dos seres humanos que ali vivem, a ponto de se tornar a maior inimiga a ser vencida.

O espaço, na descrição do narrador-protagonista, ganha traços de humanização, enquanto que o sujeito se animaliza, devido à ação determinista do meio sobre ele. O homem não passa de um joguete diante da superioridade e domínio da natureza, de modo que, aos poucos, perdem a sensibilidade e seus instintos substituem a razão, tornando-se semelhantes aos animais irracionais: agem por instintos e lutam pela sobrevivência. Desta feita, os códigos de conduta e valores morais deixam de existir e passam a ser regidos pela lei do mais forte.

Nesse sentido, o termo “a voragem”, que dá título à obra, indica o processo de transformação da selva em organismo vivo que devora o sujeito invasor, que se alimenta do indivíduo que ali está. Essa supremacia pode ser comprovada através do lamento de Arturo feito à selva:

— Ó selva, esposa do silêncio, mãe da solidão e da neblina! Que destino maligno me deixou prisioneiro em teu cárcere verde? Os pavilhões das tuas ramagens, como uma imensa abóboda, sempre estão sobre minha cabeça, entre a minha inspiração e o céu claro, que só entrevejo quando tuas copas estremecidas movem o seu marulho, na hora dos teus crepúsculos angustiosos. Onde estará a estrela querida que de tarde passeia nas lombadas? Aquela celagem de ouro e púrpura com que se

veste o anjo dos poentes, por que não treme em sua cúpula? Quantas vezes a minha alma suspirou adivinhando através de teus labirintos o reflexo do astro que empurpura as lonjuras, para os lados do meu país, onde há lhanuras inesquecíveis e cumes de coroa branca, em cujos picos me vi à altura das cordilheiras! (RIVERA, 1982, p. 87)

Ao longo do romance, a cartografia dos espaços adquire importante papel, não só no que diz respeito às próprias personagens como também nas marcações e indicações geográficas, onde se desenvolvem as ações e a narrativa vai se desenrolando. Em relação aos espaços e aos deslocamentos na narrativa, ressalte-se que os Lhanos e a floresta constituem as principais regiões naturais da Colômbia. Esses espaços apresentam importância simbólica para a identidade cultural colombiana, expondo três aspectos do país: a modernidade urbana de Bogotá, ponto inicial do romance, a Região Andina (os Llanos) e o espaço da barbárie e da riqueza advinda da economia gomífera da floresta amazônica. A economia dos Lhanos foi a grande responsável por custear o luxo e a riqueza da classe dominante de Bogotá, através da extração do látex.

Os espaços apresentados por Rivera em *A Voragem* demonstram a importância da paisagem como demarcadora dos limites entre as três partes da narrativa, pois é na travessia desses Llanos que se desenvolve a odisseia de Alicia e Cova. Nota-se que a paisagem é um elemento importante que vem sendo enfatizado dentro dos estudos literários, a partir dos postulados da Geografia humanista. Tais estudos trouxeram uma interessante vertente crítica para as relações entre Literatura e geografia, pois, a paisagem constitui *locus* de apropriação visual e simbólica, que é mediada pela cultura. Conforme assinala Cosgrove, “as pinturas, poemas, romances, contos populares, músicas, filmes e canções podem oferecer uma firme base a respeito dos significados que lugares e paisagens possuem, expressam e evocam, como fazem fontes convencionais e factuais” (COSGROVE, 1998, p. 110).

Nesse sentido, podemos encontrar a paisagem em *La Vorágine* sob múltiplos aspectos. Primeiramente, os Llanos despertaram em Arturo Cova uma grande fascinação, algo próximo a um paraíso terrestre:

Até tive desejos de confinar-me para sempre nessas planícies fascinantes, vivendo com Alícia numa casa risonha, que levantaria com minhas próprias mãos às margens de um riacho de águas opacas, ou em qualquer daquelas colinas minúsculas e verdes, onde haja um poço glauco ao lado de uma palmeira. Ali, pela tarde o gado seria reunido e eu, fumando no umbral, como um patriarca primitivo de peito suavizado pela melancolia das paisagens, veria os pores-do-sol no horizonte longínquo onde a noite nasce; e já liberto das aspirações vãs,

do engano dos triunfos efêmeros, limitaria meus desejos a cuidar da zona que meus olhos abarcassem, gozando as labutas camponesas, em consonância com minha solidão. [...] Para que as cidades? Talvez minha fonte de poesia estivesse no segredo dos bosques intactos, na carícia das aragens, no idioma desconhecido das coisas; em cantar o que diz o penhasco à onda que se despede, o arrebol ao pantanal, as estrelas às imensidões que ocultam o silêncio de Deus. Ali, nesses campos, sonhei que ficava com Alícia, que envelhecia entre a juventude de nossos filhos, e declinava ante os sóis nascentes, que sentia nossos corações fatigados em meio à selva vigorosa dos vegetais centenários. (RIVERA, 1982, p. 67-68)

A paisagem bucólica criada no imaginário de Arturo Cova, no fragmento citado acima, demonstra o seu diálogo com a tradição do bucolismo, no confronto entre campo *versus* cidade: “— Para que as cidades?”, expressando um possível idílio amoroso, que se projeta para o futuro. Assim, a imagem da floresta amazônica é vista pelo prisma do paraíso terreal, espécie de terra da promessa, *locus amoenus* que dialoga com a tradição literária do Ocidente: “Talvez minha fonte de poesia estivesse no segredo dos bosques intactos, na carícia das aragens”. Vale ressaltar que a casa, para o viajante, tem especial importância por representar, de acordo com Bachelard (1978, p. 200), o aconchego em que o tempo se torna cotidiano e o familiar da vida acontece, de onde se parte para em algum momento retornar.

A paisagem da floresta amazônica enquanto imagem do inferno alcança grande expressividade quando, ao final da primeira parte, Arturo Cova é possuído por ela, num acesso de riso, tal qual um satanás, numa cena de grande motivação plástica, com o incêndio de La Maporita e, ao mesmo tempo, as amargas constatações do narrador diante de seus projetos frustrados:

Serpenteando nos cipoais, trepando nos moriches e rebentando-os com retumbos de pirotecnia. Foguetes em chamas saltavam a grandes distâncias, furtando-lhe combustível à linha de retaguarda, que estendia para trás suas melenas de fumaça, ávida por abarcar os limites da terra e bater seus estandartes flamígeros nas nuvens. A falange devoradora ia deixando fogueiras nas planícies empretecidas, sobre corpos de animais carbonizados e em toda a curva do horizonte os troncos das palmeiras ardiavam como círios enormes. O estalido dos arbustos, o ululante coro das serpentes e das feras, o tropel das cabeças de gado espavoridas, o amargo odor à carne queimada, agasalharam-me o orgulho; senti prazer por tudo o que morria na retaguarda de minha ilusão, por este oceano purpúreo que me arrojava contra a selva, isolando-me do mundo que conheci, pelo incêndio que estendia sua cinza sobre meus passos. Que restava dos meus esforços, do meu ideal e de minha ambição? Que havia conseguido minha perseverança contra o destino? Deus me desamparava e o amor fugia!... No meio das chamas comecei a rir como Satanás! (RIVERA, 1982, p. 83-84)

Em *A Voragem*, a paisagem amazônica é apresentada ao leitor como um lugar inóspito, pois, no decorrer de toda a narrativa, deparamo-nos com termos tais como: rústico, cárcere, região maldita, inferno, sepultura, realidade desesperante, território ingovernável, os quais tornam evidente a representação da selva como espaço não civilizado, o que, evidentemente, entra em conflito com os elementos que representam a civilização. Em razão disso, os indivíduos não nativos deparavam-se com um ambiente que lhes era duro à sobrevivência, ou seja, a floresta é representada como a principal responsável pelos estados de selvageria do homem, como se esse fosse moldado por ela, o que demonstra a influência da paisagem no interior dos sujeitos. Ou seja, conforme Collot, a paisagem coloca frente a frente o sujeito e o espaço, o que é mediado pelo olhar e se concretiza na escrita, pois, a paisagem não constitui :

[...] um puro objeto em face do qual o sujeito poderá se situar numa relação de exterioridade, ela se revela numa experiência em que sujeito e objeto são inseparáveis, não somente porque o objeto espacial é constituído pelo sujeito, mas também porque o sujeito, por sua vez, encontra-se englobado pelo espaço. (COLLOT, 2012, p. 13)

No Epílogo da narrativa, José Eustasio Rivera nos revela que a busca incessante e as travessias em meio à floresta acabaram fracassadas, conforme expresso pelo narrador no último enunciado que fecha o livro: “— Faz cinco meses que Clemente Silva procura-os em vão: nem rastro deles. A selva os devorou!” (RIVERA, 1982, p. 229). Ou seja, o personagem foi devorado pela paisagem, que em alguns momentos ele viu como algo positivo e, em outros, como espaço hostil. Tal desfecho inacabado reforça a superioridade, não só da paisagem diante do homem indefeso, mas a fragilidade desse sujeito que, em meio à floresta é devorado e vencido por esta e pelo sistema de trabalho predominante naquele contexto.

Considerações Finais

Nessa leitura do romance *A Voragem*, de Jose Eustasio Rivera, observamos os entrelaçamentos entre paisagem e literatura, destacando que ambos os campos de conhecimento se ocupam das marcas e dos sinais do espaço. Assim, a Geografia tem por objeto de estudos o espaço terrestre e seus anexos, tais como: vegetação, água, relevo e clima; as populações, as cidades e ambientes rurais, enquanto a arte literária lança mão

da linguagem verbal, recriando o mundo, representando o espaço e o tempo e como esses transparecem nos seus personagens. Nesse sentido, a literatura, conforme assevera Roland Barthes, “assume muitos saberes; faz girar os saberes.” (BARTHES, 2015, p. 17.).

Enfim, os personagens que povoam a narrativa de Rivera têm suas identidades marcadas pela errância. O sujeito não nativo desloca-se para a região, impulsionado, na maioria das vezes, por interesses econômicos, no caso específico de Arturo. Nos Lhanos, deparam-se com o novo: uma fauna e uma flora totalmente desconhecida, ocorrendo também o encontro com os nativos, portadores de hábitos e costumes distintos dos imigrantes. Deve-se considerar, então, que esse sujeito em contato com o outro vive um processo de transculturação, sendo transformados na medida em que entram em choque com a cultura do Outro.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: _____. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. Trad. Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores. p. 199-334.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 17. Reimp. São Paulo: Cultrix, 2015.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

_____. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NEGREIROS, Carmem; LEMOS, Masé; ALVES, Ida. *Literatura e Paisagem em diálogo*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-122.

QUEIROZ, Maria José de. Os itinerários da selva: na Amazônia. In: *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, n.1, v. 1 1981, p. 37-56. Disponível em www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/110/58. Acesso em 15/08/2017.

RIVERA, José Eustasio. *A Voragem*. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

SEIXO, Maria Alzira. Entre Cultura e natureza: ambiguidades do olhar do viajante. In: *Revista USP*, jun.-ago. 1996. p. 120-133. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/30/11-seixo.pdf>. Acesso em 28/08/2017.